



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2025
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2025v26i1:e73171>

A presença de Ralph Waldo Emerson na obra de John Dewey: um estudo sobre a noção de autoconfiança

The presence of Ralph Waldo Emerson in the work of John Dewey: A study on the notion of self-reliance

Marina Libérale*
liberale@eerp.usp.br

Marcus Vinicius Cunha**
marcusvc@ffclrp.usp.br

Resumo: Tendo por objetivo discutir a presença das ideias de Ralph Waldo Emerson na obra de John Dewey, este artigo analisa os textos deweyanos que mencionam a palavra *autoconfiança*, título de um dos mais importantes ensaios emersonianos. Após apresentar as ideias centrais de Emerson, são analisados catorze (14) textos de Dewey considerados relevantes para esse objetivo. As conclusões revelam que Dewey interpretou Emerson à luz do pragmatismo, em especial na discussão de dois temas intimamente associados: ética e educação.

Palavras-chave: Autoconfiança. John Dewey. Pragmatismo. Ralph Waldo Emerson.

Abstract: Aiming to discuss the presence of Ralph Waldo Emerson's ideas in John Dewey's work, this article analyzes Dewey's texts that mention the word *self-reliance*, the title of one of Emerson's most important essays. After presenting Emerson's central ideas, fourteen (14) of Dewey's texts considered relevant to this objective are analyzed. The conclusions reveal that Dewey interpreted Emerson through the lens of pragmatism, particularly in his discussion of two closely related themes: ethics and education.

Keywords: John Dewey. Pragmatism. Ralph Waldo Emerson. Self-reliance.

Recebido em: 01/09/2025.

Aprovado em: 27/10/2025.

Publicado em: 21/12/2025.

1 Introdução

Em 1903, John Dewey (2003x) publicou “Emerson, the philosopher of democracy”, no qual revela sua profunda afinidade com o poeta e ensaísta estadunidense cujo centenário de nascimento era então comemorado. Quando se preparava para proferir a conferência que originou o texto, Dewey releu a obra de Ralph Waldo Emerson e, em carta a Warring Wilkinson, confessou ter ficado impressionado com a extensão em que as ideias do homenageado antecipavam vários aspectos da psicologia moderna, em sintonia com a direção tomada pela ciência contemporânea (Alexander, 2013).¹ Embora nem sempre referidas explicitamente, as concepções emersonianas exerceram papel importante na produção intelectual de Dewey.

Para investigar a presença de Emerson na obra de Dewey, faz-se necessário enfrentar um obstáculo: as dimensões dessa obra. *The collected works of John Dewey (1882-1953)*, publicação da Southern Illinois University organizada por Jo Ann Boydston, que contém praticamente toda a produção escrita do filósofo, registra nada menos do que trinta e



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

* Universidade de São Paulo.

** Universidade de São Paulo.

1 Warring Wilkinson foi um proeminente defensor do direito à educação para cegos e surdos.

sete (37) volumes. Organizada em três cronologias –The Early Works (1882-1898), The Middle Works (1899-1924) e The Later Works (1925-1953), além de um volume suplementar –, a coletânea reúne livros, ensaios, planos de aula, comentários a obras alheias, correspondências etc.

Para amenizar o impacto desse obstáculo, a pesquisa que originou o presente artigo utilizou a versão eletrônica dessa coletânea, hospedada na base digital Past Masters da IntelLex Corporation. Contando com a ferramenta de busca disponibilizada por essa edição, foram localizadas as passagens da obra de Dewey que mencionam a palavra *self-reliance*, escolha esta que se justifica pelo fato de ser esse o título de um dos trabalhos mais importantes de Emerson, publicado em 1841.

Esse trabalho foi publicado no Brasil com o título *Autoconfiança* (Emerson, 2003), palavra que traduz com razoável simetria a intenção do autor, como será possível constatar neste artigo. Na língua inglesa, o substantivo *reliance* deriva do verbo *to rely*, que expressa uma relação de dependência baseada em confiança, quando uma pessoa precisa de outra para sustentar as suas próprias ações. A expressão *self-reliance*, por sua vez, elimina esse caráter de subordinação moral, uma vez que identifica no agente as qualidades necessárias à sustentação de suas condutas, o levando a contar exclusivamente com a autenticidade e integridade que encontra em si mesmo (ver *Webster's new encyclopedic dictionary*, 1993, p. 859, 928).

A pesquisa identificou quarenta e seis (46) ocorrências da palavra *self-reliance* em toda a obra de Dewey; dez (10) delas fazem menção direta a Emerson, e nove (9) desse total citam o ensaio que trata de autoconfiança. Dentre as demais ocorrências, trinta e duas (32) foram classificadas como uso fragmentário ou meramente lexical da palavra, sem relevância conceitual e sem vínculo com Emerson; e quatro (4) foram interpretadas como referências indiretas ao pensamento emersoniano. Este artigo analisará os textos que contêm as ocorrências, e não as ocorrências individualmente, e focalizará somente os catorze (14) trabalhos considerados relevantes.² Essa apresentação será precedida pela exposição das principais ideias de Emerson, com destaque para a noção de *autoconfiança*.

2 Emerson e a noção de autoconfiança

A produção intelectual de Emerson é vista por vários estudiosos como suficiente para classificá-lo como filósofo. Principal defensor dessa tese, Cavell (1979; 2003) argumenta que a filosofia emersoniana enquadra-se na linha do Perfeccionismo Moral, pois busca entender o que é um eu autêntico e o que é ser um sujeito moral. Urbas (2017; 2020) afirma que Emerson não foi simplesmente um pensador americano, mas um filósofo com raízes profundas e ramificações em diversos tempos e lugares. Guardiano (2021) Kovalainen (2010) avaliam que Emerson tem lugar assegurado na história da filosofia, sendo possível traçar um roteiro da disseminação de suas ideias em muitos pensadores, para além da noção de *perfeccionismo*.

Muito antes dessas avaliações, a inclusão de Emerson na categoria de filósofo foi pleiteada por Dewey (2003b) em “Emerson, the philosopher of democracy”, ensaio que sustenta esse ponto de vista por considerar que a produção emersoniana é típica dos sofistas, atuando na arte da retórica e da argumentação, com ênfase no fortalecimento da democracia. Alguns princípios da sofística emersoniana analisada por Dewey são sumariados por Silva, Mercau e Cunha (2021): a forma como Emerson constrói a sua visão de mundo e de verdade, não rejeitando aprioristicamente quem pensa diferente; o convite para que o indivíduo atue de maneira criativa, operando com base em sua experiência pessoal; a afirmação da fluidez do mundo, recusando concepções deterministas sobre a vida.

Dewey (2003b) enfatiza que Emerson pode ser intitulado *filósofo da democracia* porque, quando esse modo de vida for construído, será possível identificar nele a visão emersoniana sobre a vida. Essa

2 Seguindo o padrão usual, a seção Referências do presente artigo fará o registro desses textos utilizando somente os títulos das cronologias criadas por J. A. Boydston.

visão é pautada no protagonismo do ser humano, valorizando “o poder de criação, a capacidade de atuação do homem no mundo, em busca de transformar tanto a realidade como a si mesmo” (Silva; Mercau; Cunha, 2021, p. 11). Ao encontro dessa avaliação, vale mencionar o que diz o próprio Emerson (2011, p. 20) acerca da filosofia: “O verdadeiro filósofo e o verdadeiro poeta são um, e uma beleza, que é verdade, e uma verdade, que é beleza, são os objetivos de ambos.” Em toda a obra emersoniana, a arte e a reflexão filosófica caminham juntas, compondo um todo indivisível.

A produção literária emersoniana é composta de ensaios que começaram a ser escritos em 1841 e estão reunidos em diversas coletâneas (Mudge, 2015; Johansson; Schumann, 2019). Emerson produziu sua obra em um contexto de grande efervescência política e social nos Estados Unidos da América. As décadas que antecederam seu nascimento foram repletas de ativismo político, particularmente em Boston, para onde acorriam pensadores divergentes do *status quo* – abolicionistas, utopistas, sufragistas e dissidentes religiosos e educacionais. A Guerra Civil e a subsequente tentativa de reintegrar o país e assegurar os direitos dos ex-escravizados formam o pano de fundo das reflexões de Emerson, pautadas na valorização da liberdade, do pensamento individual e da busca pela verdade interior de cada pessoa (Cole, 2015).

Emerson (2003; 2011) defende que cada pessoa deve confiar em sua própria experiência e intuição, em vez de seguir convenções e acatar a autoridade externa, pois a verdadeira grandeza humana vem da capacidade do indivíduo para se afastar das normas sociais e desenvolver seu próprio caminho na vida. “Na educação de todo homem existe uma hora – diz Emerson (2003, p. 54) – em que ele chega à convicção de que a inveja é ignorância; de que a imitação é suicídio; de que ele precisa considerar a si mesmo, tanto por bem quanto por mal, de acordo com seu destino”. Emerson (2003, p. 57) afirma sentir vergonha “de quão facilmente desistimos diante de insígnias e nomes, de sociedades e de instituições mortas”.

O instinto e a intuição são meios privilegiados para alcançar as potencialidades humanas, mas, na medida em que nos tornamos adultos, essas qualidades são confrontadas por uma rede de costumes e tradições que lançam véus sobre os nossos pensamentos próprios, acabando, muitas vezes, por silenciá-los (Emerson, 2003; 2011). Emerson (2003, p. 56) afirma que pensamentos próprios são vozes que ouvimos em solidão e que se tornam “tênuas e inaudíveis” quando “penetramos no mundo”; mas afirma também que há caminhos para exercitarmos os princípios que conduzem à liberdade. O ser humano deveria ver o “raio de luz que faísca interiormente, por meio de sua mente, mais do que o esplendor do firmamento dos poetas e sábios”; mas ele desconsidera seu próprio pensamento, “pelo simples motivo de que é seu” (Emerson 2003, p. 54).

Emerson explica que, ao nos afastarmos de nossa intuição e reverenciarmos as normas externas, vivemos uma vida superficial; a vida é uma jornada de autodescoberta, na qual a verdadeira liberdade e o crescimento pessoal se fundam na capacidade do ser humano para se desprender das convenções e limitações impostas pela sociedade. Por isso é importante uma educação que estimule e cultive a consciência e o autoconhecimento, pois todo desenvolvimento ocorre em um lugar determinado, no contexto de um tempo e de uma cultura determinados (Bates 2012). O cultivo da consciência e do autoconhecimento é fundamental para o desenvolvimento integral do indivíduo, seja pessoalmente, seja socialmente, a fim de se desvincular das convenções e limitações socialmente impostas.

Emerson (1950) reconhece que somente a pessoa é capaz de se confrontar com as suas próprias limitações e liberar as partes de si mesma que estão aprisionadas. Isso implica uma jornada de autoconhecimento e cultivo da consciência, a fim de enfrentar os fantasmas internos que habitam em cada um de nós. Mesmo na interação com outros, a experiência emocional é algo único e particular, devendo ser explorada e enfrentada com coragem e vigor. Os princípios de liberdade, dignidade e justiça deveriam ser reivindicados por todos; seja a liberdade cerceada por outra pessoa, seja por nós mesmos.

No texto que focaliza a noção de *autoconfiança*, Emerson (2003) discorre sobre essa qualidade pessoal que envolve confiar plenamente em si mesmo, em suas próprias ideias e intuições, condição

imprescindível para alcançar a liberdade e a autenticidade. Apesar de não caracterizar a autoconfiança como uma habilidade que se possa desenvolver, Emerson (2003, p. 54-55) oferece pistas que sugerem a possibilidade de estimulá-la, em especial por meio da experiência: “É da natureza inédita o poder que reside no homem, e ninguém senão ele mesmo sabe o que é capaz de fazer, e tampouco ele o sabe antes de o ter tentado”. Emerson (2003, p. 57) ensina que “nada é sagrado, a não ser a integridade de nossa própria mente. Perdoai-vos a vós mesmos e haveis de ter o sufrágio do mundo. [...] Lei alguma pode ser sagrada para mim, a não ser a lei de minha natureza”; e a “a única coisa correta é a que está em harmonia com minha constituição, e única errada, a que está contrária a ela”.

A autoconfiança emersoniana não é sinônimo de egoísmo ou desprezo pelos outros; é uma conexão mais profunda com o próprio ser, permitindo que cada pessoa viva de maneira original e verdadeira; é um caminho para a realização pessoal que permite a libertação das convenções sociais e a identificação da própria voz. Essa noção pode parecer um tanto evasiva e abstrata, ou mesmo relativista, e é fato que o ensaio de Emerson sobre autoconfiança, assim como outros de sua autoria, é repleto de frases que se assemelham a atos de fé, o que se explica pela associação das ideias emersonianas com a abordagem filosófica denominada *individualismo* (Cavell, 2003; 2024; Kateb, 1995; Liang, 2013).

A autoconfiança tem estreita relação com a noção de *identidade individual*, mas não expressa um individualismo puro e simples, no molde solipsista. O individualismo emersoniano concebe o indivíduo como a unidade moral e racional fundamental; valoriza a liberdade, a autonomia, a dignidade e a responsabilidade pessoal, e vê a sociedade e a política não como fins em si mesmos, mas como meios para proteger e realizar tais qualidades. Esse individualismo serviu de base para a concepção de uma nova forma de viver em sociedade, sendo decisivo na consolidação da democracia nos Estados Unidos no século XIX, quando se instituiu um governo fundamentado na proteção dos direitos individuais e nos princípios de liberdade, propriedade e soberania popular, tal como analisa Tocqueville (2005).

Para Kateb (1995), Emerson teve presença decisiva na reconfiguração da ideia de *indivíduo* ao deslocar o racionalismo liberal de base iluminista para uma concepção fundada na intuição como fonte da verdade interior. Não é apenas o direito natural que sustenta a dignidade do indivíduo, mas também a sua voz íntima, a sua imaginação moral e a sua conexão com a natureza e com o divino, o que confere ao indivíduo autonomia legal ou racional, e ainda uma dimensão poética e espiritual. Emerson reitera um individualismo liberal típico e propõe algo mais profundo e exigente: uma forma de individualidade espiritual, ética e criativa que requer autoconhecimento, coragem e abertura para o novo como condição para uma vida verdadeiramente livre.

Liang (2013) comenta que o indivíduo emersoniano é íntegro e se manifesta quando o ser está em plena consonância consigo mesmo, não havendo separação entre o que a pessoa é e o modo como age no mundo; sua existência se realiza de forma natural, fluida e contínua, o que significa viver com autenticidade e plenitude; sua mera presença gera impacto, não por imposição, mas por irradiar coerência interior. A noção de *autoconfiança* é mais do que uma virtude desejável; é condição essencial para a construção de uma individualidade plena e atuante. Ao amar o mundo como ele é, com suas imperfeições, sua transitoriedade e sua beleza, o indivíduo se conecta com a própria essência, pois reconhece que está em casa no mundo, e não alienado dele, entrando em sintonia com a realidade viva do mundo e da alma: “Acredita em ti: todo coração ressoa em consonância com essa corda de ferro. Aceita o lugar que a providência divina te designou, a convivência com teus, a correlação de acontecimentos” (Emerson, 2003, p. 55).

Packer (1982) sugere que a noção emersoniana de *autoconfiança* é marcada por uma tensão não resolvida, uma vez que Emerson propõe um ideal radical de autonomia, mas também reconhece os limites de sua plena realização. A autoconfiança seria um fracasso produtivo; mesmo quando o sujeito não atinge a completa independência, o movimento em direção à autenticidade já se mostra suficiente para promover uma transformação pessoal significativa. Poirier (1987) oferece uma interpretação estética da autoconfiança postulada por Emerson, a caracterizando como um estilo linguístico em permanente

reinvenção. O eu emersoniano não é uma entidade estável, mas uma performance, um *self* que se constrói continuamente ao improvisar, ao escrever, ao dizer-se. A autoconfiança não é uma certeza consolidada, mas uma disposição para o risco da linguagem, para a reinvenção constante de si.

Bloom (1993, p. 37) interpreta a noção emersoniana de *autoconfiança* como portadora de um aspecto visionário e quase religioso, pois funda uma espécie de “religião do eu”, na qual o sujeito não apenas reivindica sua autonomia, mas assume a responsabilidade por ser o centro originário de sentido e revelação. Essa confiança não é meramente psicológica ou moral, mas espiritual; o indivíduo é convocado a escutar a sua voz interior como quem escuta uma instância sagrada, que não é mais mediada por dogmas, instituições ou autoridades externas. O projeto emersoniano se afasta de qualquer conformismo e se avizinha de uma experiência gnóstica e radical da subjetividade, em que o confiar em si mesmo alcança o patamar de absoluto.

Kateb (1995) e Liang (2013) alertam que o modo de viver enaltecido por Emerson só pode ser realizado em uma democracia, uma vez que a autoconfiança emersoniana é uma individualidade democrática ocupada em conectar o indivíduo ao mundo, sempre respeitando a individualidade de cada um. Emerson (2003, p. 78) mostra que a autoconfiança nos habilita a buscar com determinação uma série de conquistas: “Uma vitória política, um aumento de rendimentos, a convalescença de teu doente, ou o regresso de teu amigo ausente”, tudo “eleva teu espírito, e estás certo de, com isso, poder esperar por bons dias”; mas, cuidado – “Não acredites nisso. Somente tu mesmo podes te trazer paz. Somente a vitória dos princípios pode trazer paz”.

3 A autoconfiança emersoniana em Dewey

Dentre os catorze textos (14) de Dewey que trazem passagens consideradas relevantes pelos critérios desta investigação, cinco (5) fazem menção a Emerson, seja em citação direta, seja pelo explícito reconhecimento de sua influência. O mais antigo deles é “The study of ethics: a syllabus”, programa de ensino datado de 1894, no qual Dewey (2003k) indica o ensaio de Emerson sobre autoconfiança como leitura complementar para a formação ética dos estudantes, pois discute o papel do eu na experiência e assume que a intimidade consigo mesmo, o cultivo de preocupações profundas e a formação de hábitos internalizados são indispensáveis ao julgamento ético.

Em um conjunto de notas de aula datado de 1898, intitulado “Social institutions and the study of morals”, Dewey (2003j) menciona o ensaio de Emerson ao discutir uma forma de individualismo que valoriza a independência, a robustez e a iniciativa. A obra emersoniana é qualificada como um símbolo de resistência à conformidade e de valorização da autonomia intelectual, sendo a noção de *autoconfiança* um incentivo à independência de espírito, à originalidade e ao compromisso com o julgamento próprio.

Em *Ethics*, livro publicado em 1908 em coautoria com James H. Tufts, encontra-se uma reflexão sobre os fundamentos morais e institucionais da vida coletiva, visando entender de que modo o ideal de liberdade individual pode ser compatibilizado com as exigências e responsabilidades da vida em sociedade (Dewey; Tufts, 2003). Emerson é dado como exemplo da sensibilidade moral norte-americana, da valorização da iniciativa pessoal, da versatilidade prática, da liberdade individual e da autoconfiança; embora se reconheça o mérito formativo dessas virtudes, é preciso admitir que o individualismo isolado é insuficiente para fundamentar a moralidade democrática, pois o progresso moral depende de instituições que promovam essas virtudes, de maneira a compor as condições comuns da vida cívica.

Em *Art as experience*, de 1934, Dewey (2003a) discute a relação entre criação e julgamento crítico, defendendo que todo ato criativo deve gerar seus próprios critérios de avaliação. O ensaio de Emerson que discorre sobre autoconfiança é citado na passagem que menciona a metáfora do raio de luz que faísca na mente, com o propósito de mostrar que as grandes obras de arte ensinam a respeitar as impressões espontâneas mesmo diante da discordância pública. Dewey incorpora o ideal emersoniano da confiança

nas percepções originais, em conexão com a disposição crítica e a resistência ao conformismo, de modo a compor a ideia de pensamento criativo.

Em carta datada de 1938 enviada a Jerome Nathanson, Dewey (2003f) afirma que a ênfase de Emerson na autoconfiança pode ter raízes reativas, ligadas a circunstâncias biográficas e a pressões externas.³ Dewey recusa uma leitura ingênua e heroica do ensaio, reconhecendo os limites contextuais do individualismo emersoniano e sugerindo que a sua intensidade pode ter sido, em parte, um exagero compensatório: autoconfiança não significa isolamento, mas uma disposição sustentada por instituições e práticas coletivas – a escola, a ciência e a vida pública – que favorecem a participação crítica e criativa.

Em outros nove textos, a palavra *self-reliance* aparece sem vínculo explícito com Emerson, mas envolvida em discussões que podem ser interpretadas como referentes à noção emersoniana de *autoconfiança*. Em “The primary-education fetiche”, de 1898, Dewey (2003h) critica a educação centrada na linguagem formal e na aprendizagem mecânica de leitura e escrita, argumentando que esse modelo desconecta a criança da experiência viva, sufocando seu interesse, seu julgamento pessoal e sua capacidade de agir no mundo. A palavra *self-reliance* surge na passagem que remete ao valor formativo das atividades domésticas no ambiente rural do século XIX, onde as crianças aprendiam diversas habilidades práticas que promoviam o desenvolvimento da autoconfiança e o engajamento ativo no mundo.

Naquele mesmo ano, aulas ministradas por Dewey (2003d) sob o título “The intellectual process” apresentam o componente intuitivo do processo ético como uma disposição para responder à experiência de maneira integrada, original e situada. A autoconfiança aparece como expressão de um impulso formativo bem orientado, uma intuição cultivada que permite agir com independência, frescor e criatividade diante de cenários que envolvem questões morais. Não se trata de espontaneísmo, mas de uma capacidade adquirida para se lançar ao mundo com a responsabilidade decorrente da experiência acumulada e da imaginação.

Em *Schools of to-morrow*, de 1900, Dewey (2003i) descreve as práticas pedagógicas das escolas progressistas e defende que a criança aprende e se transforma quando inserida em atividades que envolvem imaginação, ação e resolução de problemas. A *autoconfiança* é apresentada como resultado de um ambiente pedagógico estruturado para favorecer a experimentação, a autonomia e a colaboração, no qual o jogo é um meio para despertar essa qualidade e promover a responsabilidade ética. A autoconfiança emerge da articulação entre imaginação, execução e descoberta, em práticas que formam o pensamento pela experiência e propiciam o ajuste contínuo da formação moral.

O livro *Ethics* (Dewey; Tufts, 2003) – que já foi contabilizado por conter menção direta a Emerson – também se inclui nessa categoria ao discutir a ideia de *autoconfiança* sem referenciar o ensaísta. Os autores consideram que a palavra vem sendo utilizada como argumento contra a ação pública e a solidariedade social, invertendo o papel histórico de motor da transformação pessoal e coletiva, sugerido pela noção. Como beneficiários das estruturas econômicas e sociais vigentes, os defensores do *status quo* apropriam-se do termo *self-reliance* para se autodenominarem individualistas, únicos defensores da liberdade e da autonomia, e rotularem de coletivistas, paternalistas, inimigos da liberdade individual, os grupos que propõem transformações sociais.

Em *How we think*, de 1910, Dewey (2003c) discute a formação moral e a coeducação de meninas e meninos, destacando que ambientes escolares cooperativos, baseados na solidariedade e na investigação conjunta, favorecem o desenvolvimento da autoconfiança. A palavra *self-reliance* diz respeito à convivência ética e ao juízo compartilhado, quando as crianças são chamadas a deliberar juntas, a resolver conflitos e a refletir sobre as consequências de seus atos. Trata-se de uma capacidade para se posicionar em situações que envolvem a formação de valores, constituindo um ganho moral e formativo decorrente da experiência pedagógica inclusiva e dialógica.

3 Jerome Nathanson foi dirigente da New York Society for Ethical Culture.

No ensaio “Interest and effort in education”, de 1913, Dewey (2003e) defende uma pedagogia baseada nos interesses do aluno e no esforço orientado por problemas reais. Ao criticar os métodos de repetição mecânica e a ênfase em recompensas externas, o autor sugere que a autoconfiança intelectual decorre do envolvimento do estudante com tarefas que desafiam sua inteligência e despertam sua iniciativa. A autoatividade deve envolver iniciativa mental e autoconfiança intelectual, traço que não é inato, mas compõe uma disposição construída pela prática ativa do pensar, emergindo quando o estudante se percebe capaz de lidar com problemas.

Em “The need for a philosophy of education”, de 1934, Dewey (2003g) discute a pedagogia progressiva, argumentando que a educação deve favorecer a liberdade para julgar e criar, em oposição a modelos de ensino fixos e padronizados. A palavra *self-reliance* vem associada ao desenvolvimento do pensamento crítico e à imaginação investigativa, como resultado de situações em que os alunos são levados a experimentar, reorganizar ideias e agir sobre o mundo. Autoconfiança tem relação com a formação de pessoas capazes de enfrentar desafios de maneira autônoma, com espírito crítico e perseverança.

“An active, flexible personality”, publicado em 1937 em coautoria com Boyd H. Bode e William H. Kilpatrick, mostra que uma personalidade ativa e flexível é indispensável à vida democrática, pois permite que os sujeitos reorganizem continuamente suas crenças e modos de conduta diante das exigências do mundo moderno (Dewey; Bode; Kilpatrick, 2003). A palavra *self-reliance* serve para evocar uma qualidade emergente da experiência moderna, não como traço psicológico do indivíduo isolado, mas como uma conquista coletiva, civilizacional e ética.

No texto “Tribute to Henry R. Linville”, de 1944, Dewey (2003l) celebra o papel do referido professor como agente ético da vida democrática, um crítico da burocratização e da supressão da iniciativa intelectual do trabalho docente. O termo *self-reliance* é utilizado em referência à capacidade de Linville para se posicionar eticamente diante das exigências institucionais e sociais, assumindo sua responsabilidade como formador de consciências livres. Ao criticar as práticas escolares que sufocam a iniciativa, Dewey defende que só é possível formar cidadãos autoconfiantes quando se prioriza a autoconfiança de quem educa.

4 Considerações finais

São vários os trabalhos dedicados a analisar a influência de Emerson sobre Dewey, cada qual abordando o assunto sob um prisma teórico particular e com finalidades próprias – ver, por exemplo, Bickman (1994), Koopman (2006), Granger (1998) e Silva e Cunha (2023). Este artigo não teve o propósito de adicionar novas camadas de interpretação a um tema deveras consolidado entre os estudiosos da filosofia deweyana: é fato incontestado que o pensamento emersoniano, com a sua peculiar inclinação poética, contribuiu sobremaneira na composição do pragmatismo de Dewey, bem como no estabelecimento de seu estilo discursivo. A principal contribuição destas páginas reside na precisão dos resultados obtidos, o que se viabilizou com a utilização da versão eletrônica da coletânea que reúne a obra de Dewey.

Contando com a ferramenta de busca disponibilizada por essa edição, a análise sobre a interação entre os dois pensadores tornou-se bem mais completa, pormenorizada e temporalmente abrangente, pois permitiu eleger uma única noção – a *autoconfiança* – para nuclear a investigação. Assim, foi possível mostrar que as ideias de Emerson, em particular relacionadas a essa noção, estiveram presentes em praticamente toda a trajetória intelectual de Dewey. A primeira ocorrência da palavra *self-reliance*, já associada ao pensamento emersoniano, foi registrada em 1894, quando o filósofo se preparava para iniciar suas atividades na Laboratory School da Universidade de Chicago, e a última, em 1944, menos de dez anos antes de sua morte. Ao longo desses anos, a contribuição de Emerson se fez notar em textos variados – ensaios, livros, registros de aulas etc. –, sempre em torno de dois núcleos temáticos intimamente associados, a ética e a educação, e discutidos à luz do pragmatismo.

Com a metodologia adotada nesta pesquisa, pode-se afirmar que a noção emersoniana de *autoconfiança* é assumida por Dewey como uma disposição ética relacional, construída no calor dos dilemas morais e sociais da vida moderna. Longe de ser uma abstração solipsista, trata-se de uma condição imprescindível para a ação responsável em contextos de incerteza, quando o julgamento requer a imaginação prática e a capacidade de sustentar escolhas sem o apoio de automatismos sociais ou discursos ideológicos. Dewey incorpora a ideia original de Emerson sem apelar à afirmação heroica do eu isolado; a autoconfiança é uma qualidade situada, emerge da experiência vivida, orienta a reorganização dos valores e viabiliza a participação ativa na vida democrática.

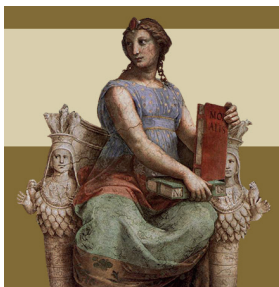
Nesse movimento, a autoconfiança emersoniana torna-se uma categoria formativa e crítica, fundamental para a constituição de sujeitos dispostos a interrogar e transformar a ordem social. Isso diz respeito diretamente à educação, que é concebida por Dewey como uma atividade de natureza ética e política, tal como é explicitado em suas obras educacionais. A apropriação deweyana do pensamento de Emerson vai ao encontro da proposta de tornar a escola um espaço propício ao desenvolvimento da cidadania ativa, pois confiar em si mesmo é requisito para a assunção da responsabilidade de contribuir com a construção democrática da vida coletiva.

Apoiado em Emerson, Dewey entende que a autoconfiança não é um dom inato, mas emerge da vida prática em sua complexidade, como resultado da formação ética vivida. Trata-se de uma sensibilidade estética que só se realiza plenamente quando ancorada em práticas cooperativas, abertas ao risco e orientadas para o bem comum. A escola deve ser o laboratório democrático no qual se cultivam a confiança na inteligência e a disposição para o julgamento reflexivo, por meio de experiências compartilhadas. Só uma escola organizada nesses moldes é capaz de educar pessoas com imaginação e abertura para o novo, pessoas que rejeitam dogmatismos e se dispõem a agir em busca de um mundo pautado em valores verdadeiramente humanos.

Referências

- ALEXANDER, T. M. The human eros: eco-ontology and aesthetic of existence. New York: Fordham University, 2013.
- BATES, S. Thoreau and Emersonian perfectionism. In: FURTAK, R. A.; ELLSWORTH, J.; REID, J. (Orgs.). Thoreau's importance for philosophy. New York: Fordham University, 2012.
- BICKMAN, M. From Emerson to Dewey: the fate of freedom in American education. American Literary History, v. 6, n. 3, p. 385-408, 1994.
- BLOOM, H. The American religion: the emergence of the post-christian nation. 2. ed. New York: Touchstone, 1993.
- CAVELL, S. Thinking of Emerson. New Literary History, v. 11, n. 1, p. 167-176, 1979.
- CAVELL, S. Emerson's transcendental etudes. Stanford: Stanford University, 2003.
- COLE, P. A legacy of revolt, 1803-1821. In: MUDGE, J. M. (Org.). Mr. Emerson's revolution. Cambridge: Open Book, 2015. p. 3-38.
- DEWEY, J. Art as experience. The Later Works, 10. 2003a.
- DEWEY, J. "Emerson: the philosopher of democracy". The Middle Works, 3. 2003b.
- DEWEY, J. How we think. The Middle Works, 6. 2003c.
- DEWEY, J. "The intellectual process". Lectures, 1. 2003d.
- DEWEY, J. "Interest and effort in education". The Middle Works, 7. 2003e.
- DEWEY, J. "John Dewey to Jerome Nathanson". Correspondence, 2. 2003f.

- DEWEY, J. "The need for a philosophy of education". The Later Works, 9. 2003g.
- DEWEY, J. "The primary-education fetich". The Early Works, 5. 2003h.
- DEWEY, J. Schools of to-morrow. The Middle Works, 8. 2003i.
- DEWEY, J. "Social institutions and the study of morals". The Middle Works, 15. 2003j.
- DEWEY, J. "The study of ethics: a syllabus". The Early Works, 4. 2003k.
- DEWEY, J. "Tribute to Henry R. Linville". Supplementary, 1. 2003l.
- DEWEY, J.; BODE, B. H.; KILPATRICK, W. H. "An active, flexible personality". The Later Works, 11. 2003.
- DEWEY, J.; TUFTS, J. H. Ethics. The Middle Works, 5. 2003.
- EMERSON, R. W. The fugitive slave law. In: ATKINSON, B. (Org.). The complete essays and other writings of Ralph Waldo Emerson. New York: The Modern Library, 1950. p. 312-332.
- EMERSON, R. W. Autoconfiança. In: EMERSON, R. W. Ensaios. Martin Claret: São Paulo: 2003. p. 53-78.
- EMERSON, R. W. Natureza. Içara: Dracaena, 2011.
- GRANGER, D. A. Recovering the everyday: John Dewey as Emersonian pragmatism. Educational Theory, v. 48, n. 3, p. 331-349, 1998.
- GUARDIANO, N. L. Critical notice of Joseph Urbas: the philosophy of Ralph Waldo Emerson. European Journal of Pragmatism and American Philosophy, v. 2, n. 13, 2021.
- JOHANSSON, V.; SCHUMANN, C. Bildung, self-cultivation, and the challenge of democracy: Ralph Waldo Emerson as a philosopher of education. Educational Philosophy and Theory, v. 51, n. 5, p. 474-477, 2019.
- KATEB, G. Emerson and self-reliance. Thousand Oaks: SAGE, 1995.
- KOOPMAN, C. Pragmatism as a philosophy of hope: Emerson, James, Dewey, Rorty. The Journal of Speculative Philosophy, v. 20, n. 2, p. 106-116, 2006.
- KOVALAINEN, H. Emersonian moral perfectionism an alternative ethics – but in what sense? European Journal of Pragmatism and American Philosophy, v. 2, n. 2, 2010.
- LIANG, H. An eye for an I: an insight into Emerson's thought of self-reliance. Journal of Language Teaching and Research, v. 4, p. 1351-1355, 2013.
- MUDGE, J. M. Spawning a wide new consciousness. In: MUDGE, J. M. (Org.). Mr. Emerson's revolution. Cambridge: Open Book, 2015, p. 271-322.
- PACKER, B. L. Emerson's fall: a new interpretation of the major essays. New York: Continuum, 1982.
- POIRIER, R. The renewal of literature: emersonian reflections. New Haven: Yale University, 1987.
- SILVA, T.; CUNHA, M. V. A arte em Emerson e Dewey: proposições teóricas e práticas para a pedagogia. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 9, n. 3, p. 315-335, 2023.
- SILVA, T.; MERCAU, H. H.; CUNHA, M. V. John Dewey e Ralph W. Emerson: educação, arte e democracia. Revista Educação em Questão, v. 59, n. 60, e-25102, p. 1-24, abr./jun. 2021.
- TOCQUEVILLE, A. A democracia na América: leis e costumes de certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- URBAS, J. How close a reader of Emerson is Stanley Cavell? The Journal of Speculative Philosophy, v. 31, n. 4, p. 557-74, 2017.
- URBAS, J. The philosophy of Ralph Waldo Emerson. New York: Routledge, 2020.
- WEBSTER'S NEW ENCYCLOPEDIA DICTIONARY. New York: BD&L, 1993.



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2025
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2025v26i1:e73171>